

A Performance do Ensinar Música na Escola

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Eduardo Moraes Serra

Universidade Federal do Rio de Janeiro

wakai_br@hotmail.com

Glauber Resende Domingues

Universidade Federal do Rio de Janeiro

glauber.rd@gmail.com

Resumo: Este artigo, que apresenta elementos da performance docente em música como forma de articular ensino, presença e criação na Educação Básica, é oriundo de minha monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Música. A partir da experiência vivida no estágio supervisionado, pude compreender que o professor se constitui como performer e sua atuação em sala de aula se configura como acontecimento sensível e estético. O objetivo foi analisar as implicações da performance docente no processo de ensino-aprendizagem musical, com o foco na subjetividade dos alunos e na construção da experiência em sala de aula. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com a produção de dados realizada através de uma observação não participante de 15 encontros em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. A investigação foi organizada em três eixos principais: presença, mediação do ensino-aprendizagem e experiência estética. Os resultados indicam que a chamada performática, os gestos improvisados do professor e as atividades corporais em diálogo com o repertório musical promoveram a atenção, a escuta, a criatividade e o vínculo entre os participantes. Nesse sentido, a performance não é uma metodologia ou uma técnica de ensino, mas uma forma de existência docente. Conclui-se que a performance em sala de aula pode humanizar mais o ensino de música, favorecendo práticas mais abertas, democráticas e afetivas. O estudo convida à reflexão sobre o papel da performance na formação docente e na construção de uma educação que reconheça a arte como linguagem de presença e transformação.

Palavras-chave: performance, docência e educação musical.

Introdução

No contexto da Educação Básica no Brasil, o ensino de música enfrenta desafios ligados à sua inserção curricular e a valorização de suas práticas pedagógicas. Em meio às exigências do mundo do trabalho e ao anseio de uma sociedade mais democrática, o ensino de música nas escolas pode, e talvez deva, ser compreendido não apenas como conteúdo a ser trabalhado, mas como vivência estética, relacional e (per)formativa. Diante disso, o presente artigo propõe uma discussão sobre a performance docente em música como estratégia que articula ensino, presença e criação.

O ponto de partida desta investigação é a experiência prática de observação de aulas de música ministradas em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante meu estágio supervisionado. A pesquisa parte da compreensão de que ensinar música é, por si só, um ato performativo, mas propõe também considerar a performance não como método, ferramenta ou recurso, mas como constituição do próprio ser docente. Essa perspectiva pode contribuir para a construção de uma prática pedagógica mais aberta à experiência, à pluralidade e à emancipação dos sujeitos.

Ao longo de minha trajetória de formação como licenciando em música, as experiências no estágio supervisionado provocaram uma inflexão epistemológica: ensinar música não é transmitir conteúdos técnicos, mas criar oportunidades de comunicação estética e corporal entre o professor e aluno. Essa percepção levou à pergunta norteadora da pesquisa: como a performance do professor de música pode se constituir como eixo estruturante das práticas pedagógicas na Educação Básica? A partir disso, o objetivo do estudo foi analisar as implicações da performance docente no processo de ensino-aprendizagem musical, com o foco na subjetividade dos alunos e na construção da experiência em sala de aula.

No contexto do ensino de música nas escolas de Educação Básica, refletir sobre o papel do professor como performer permite integrar os campos da arte e da pedagogia, enfatizando a comunicação sensível, a escuta, a imaginação, criatividade e copresença como elementos centrais. Nesse sentido, ao dialogar com os estudos da performance, a análise de práticas pedagógicas musicais como acontecimentos sensíveis e estéticos pode potencializar identidades docentes e convocar a experiência a se tornar mediadora do conhecimento.

Este artigo nasce do gesto inaugural de minha monografia do curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quem lança sementes num solo fértil de inquietações e escutas. Ao longo da experiência como estagiário, compreendi que performar, mais do que agir, é existir em presença – é dar corpo e som ao encontro entre ensino, arte e vida. A performance, então, deixou de ser apenas um conceito de estudo e passou a ser a própria tessitura da docência em música, atravessada por vozes, olhares, afetos e tempos. É nesse entrelaçar de mundos – o da escola, da música e do ser – que convido o leitor a adentrar na construção sensível de uma educação musical que reconhece a pluralidade das existências e afirma o direito à criação como forma de habitar democraticamente o mundo.

Referencial Teórico-Metodológico

A pesquisa insere-se no diálogo dos Estudos da Performance com a educação musical, articulando contribuições de autores como Richard Schechner (2010), Gilberto Icle (2013), Carl Jung (2002) e John L. Austin (1990). A performance, de antemão, é compreendida aqui como um acontecimento que envolve corpo, linguagem, presença e experiência, transcendendo a ideia comumente utilizada em educação musical como execução ou representação/interpretação artística.

No ensino de música, a performance assume características específicas, pois lida diretamente com a arte que, por sua natureza, já é performativa. O professor de música não apenas ensina conteúdos musicais, mas performa significados por meio de sua corporalidade, voz, gestos, silêncio, presença e escuta. Nessa perspectiva, situações em sala de aula exigem do professor a caracterização de modos distintos de apresentar-se aos alunos, a fim de adaptar aquilo que precisa ser para alcançar os objetivos pedagógicos. Jung (2002) entende “persona” como o sistema de adaptação ou o estilo de relação de uma pessoa com o mundo, ou seja, é uma máscara social do ato de representar o que os outros e a própria pessoa acredita que ela é, mas que não corresponde necessariamente à sua verdadeira essência (2002, p. 30). Tal entendimento é retomado para compreender como o professor constrói imagens de si mesmo em sala de aula e mobiliza diferentes camadas de identidades para interagir com os alunos,

afinal “no ensinar o professor precisa definir certas relações com os estudantes. O professor precisa desempenhar o papel do professor, que pode variar de circunstância a circunstância” (Schechner, 2010, p. 30).

No contexto da docência em música, o professor assume uma “persona docente”, que não é falsa, mas construída – pois organiza todo um modo de expressar, um ritmo, um tom de voz, uma postura corporal, um repertório de ações e afetos, um modo de escutar e reagir. Em uma construção relacional e adaptativa, o professor atua com múltiplas personas, performando intencionalmente a presença e o afeto para gerar escuta, acolhimento e conexão com os alunos. Ao reconhecer-se como performer, o educador se aproxima de uma prática pedagógica mais consciente, estética e emancipadora, em que ensinar é também um ato de representar a criação de presença e sentido no mundo.

Ao entrar em sala de aula, o professor não é apenas alguém que ensina, mas (se) transforma. Ele “veste” uma persona que se adapta, ou seja, uma máscara simbólica que é criação. É nesse mesmo gesto de criação de si que habita o conceito de performance de Schechner (2010). Etimologicamente, a palavra tem o sentido de dar forma, cumprir, conseguir, realizar. Ensinar é performar. Cada aula é um acontecimento único, um ensaio com o imprevisível, um ritual onde o corpo, voz e escuta produz sentido. O professor performa o saber não como algo fixo, mas como relação viva entre ele, o outro e o conteúdo. Portanto, a performance, assim como a persona, não é algo exterior ao sujeito. É, antes de tudo, um modo de estar no mundo que se realiza na ação, pois dentro do ser há o agir e não há uma linha divisória clara entre o ser e o agir (Schechner, 2010, p. 27).

Nesse contexto, a performance se estabelece como uma linguagem artística híbrida, atravessada pela dimensão do acontecimento e, sobretudo, da intervenção (Icle, 2013, p. 11). No acontecer da presença, o professor produz sentidos através de um corpo que fala. Fala por gestos e vozes. A palavra, por exemplo, pode não apenas informar, mas performar. Quando um professor diz “Ouça”, não apenas solicita a atenção, mas instaura um espaço de escuta e convoca um corpo presente. Segundo Austin, os atos de fala são maneiras de fazer coisas com palavras, isto é, dizer é também agir e certos proferimentos podem adquirir características performativas, além de descreverem algo (1990, p. 25). Um simples “Vamos cantar juntos?” torna-se convite ao vínculo, à criação coletiva, à abertura ao sensível. Então, a palavra passa a

soar como uma partitura viva, em que o educador improvisa sentidos e coreografa relações. Falar é fazer, e no fazer, educar é poetizar o cotidiano com som, silêncio e afeto.

Se dizer é fazer, como aponta Austin, então o gesto de fala em sala de aula já é performance. Na educação, especialmente na educação musical, os enunciados carregam elementos musicais como intensidade, ritmo, altura, timbre e duração. Compreender a importância de agir através desses elementos, é perceber que a performance docente não se dá no palco, mas no ato de representar sentidos em sala de aula. A aula torna-se uma partitura aberta, escrita e representada por muitos corpos, vozes e escutas. Nesse sentido, a performance é mais do que uma ferramenta ou um recurso didático, mas se consolida como a própria tessitura do ato de ensinar, em que cada palavra, cada gesto, cada olhar, cada silêncio, cada modo de ser, transforma-se em possibilidade de criação de mundo.

Observar a docência enquanto performance é abrir espaço para reconhecer que ensinar é, antes de tudo, um ato vivo, relacional, situado e sensível. A conscientização desse movimento é definir um pressuposto pedagógico de que o professor não transmite saberes, mas se faz presença no gesto, na fala, na escuta, no improviso cotidiano, na performance. É nesse terreno fértil entre o artístico e o pedagógico que o trabalho procurou ter um olhar mais atento, buscando revelar como a performance pode produzir novas maneiras de ensinar e aprender música em sala de aula e transformar o ambiente da escola em um espaço de criação compartilhada.

Por fim, a pesquisa foi de natureza qualitativa, com enfoque empírico, tendo produzido dados através de uma observação não-participante realizada durante o estágio supervisionado em música. As aulas foram observadas no Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado na Lagoa Rodrigo de Freitas, em 3 turmas do 1º Ano do Ensino Fundamental, com crianças de 6 e 7 anos e totalizando 15 encontros de 50 minutos de duração cada. O registro dos dados em campo foi realizado através do caderno de campo e gravações sonoras em um celular, seguindo uma lógica “antropofágica” de análise: nutrição (observação em campo), digestão (reflexão) e regurgitação (interpretação).

A escolha de uma abordagem qualitativa, sensível à escuta e ao detalhe do vivido, permitiu mergulhar nos silêncios e nas presenças da sala de aula com uma atenção performativa. Observar sem intervir, exigiu afinar o olhar como quem afina um instrumento

com paciência, escuta e cuidado. Como ponto positivo, a metodologia adotada possibilitou captar nuances da docência que escapariam em métodos mais rígidos – gestos espontâneos, reações afetivas, desvios criativos etc. Por outro lado, o desafio maior reside na tentativa de traduzir em palavras aquilo que é, muitas vezes, inominável: a vibração do instante, o ressoar de um olhar, o não-dito. Ainda assim, esse limite se revelou também uma potência. Ao performar o papel de um observador que se deixa afetar, o pesquisador encontra outra forma de saber, mais próxima da arte do que da ciência.

Resultados

Os resultados da pesquisa foram organizados e observados a partir de 3 grandes eixos, os quais emergiram das práticas realizadas em sala de aula: a performance como convocação da presença, como mediação pedagógica e como experiência estética. Esses eixos não foram previamente determinados, mas foram se desenhando com o caminho que a prática docente percorre quando permite afetar e criar com os alunos. A presença se impôs como primeiro eixo pela força de convocação ao ato de representar. A mediação surge como aquilo que organiza, atravessa e dá forma à relação entre saber e experiência, não como controle, mas como escuta ativa. Por fim, a experiência estética se revelou como ponto de encontro entre corpo, música e criação, onde a aprendizagem se dá na vibração do instante. Os eixos não encerram a performance, mas abriu trilhas para compreendê-la em sua complexidade viva.

O primeiro eixo evidenciou-se nas chamadas musicais realizadas pelo professor. Nessas atividades, os alunos eram convidados a responder seus nomes de diversas formas – sons criativos, sons de animais, imitação de melodias, sonoplastias etc. - em acordo com a proposta e a temática da aula. Essas situações, aparentemente simples, revelaram uma dimensão profunda de convocação da presença, com a mobilização do corpo, a voz, imaginação, escuta e compartilhamento cultural. A presença manifesta-se como um chamado contínuo ao agora da relação educativa. Não se trata de estar apenas fisicamente em sala, mas de marcar presença com o corpo atento, a escuta aberta e a disponibilidade para o encontro. A chamada musical transformava o momento inicial da aula em um rito de entrada, no qual o professor

chamava os nomes dos alunos performaticamente e cada resposta era um gesto de afirmação subjetiva. A presença também se revelou nos silêncios, nas recusas e nas ausências. Em um dos casos, um aluno optou por não responder à chamada performática que propunha a entoação de choro de bebê, justificando que “meu pai disse que eu não posso chorar na escola”. Nesse gesto de contenção, havia também uma performance – a de um corpo que expressa, ainda que em silêncio, as marcas de normativas impostas.

O segundo eixo foi observado em momentos em que o professor usava recursos performáticos para (re)direcionar a atenção dos alunos, como ao cantar advertências ou incorporar o conteúdo musical às ações cotidianas. Em uma das aulas que utilizava a música “Marinheiro Só”, o professor utilizou a melodia para improvisar perguntas aos alunos dispersos, que prontamente se atentaram e responderam também de forma musicalizada. A mediação, nesse sentido, não é um processo neutro, mas profundamente encarnado na voz que improvisa, no gesto que acolhe, no humor que ressignifica. Em vez de tentar manter a autoridade verticalizada, o professor observador performava a mediação como arte de escutar o ambiente e responder ele de maneira criativa. Ali, a performance foi o meio pelo qual se construiu atenção, não pela cobrança, mas pelo jogo compartilhado. A aula deixa de ser um roteiro fechado para se tornar um campo de possibilidades.

O terceiro e último eixo foi analisado em atividades que envolveram o corpo dos alunos de forma mais direta, como, por exemplo, nos jogos com bambolês ao som de cantigas. A repetição rítmica, o deslocamento corporal e a integração entre som e movimento criaram uma situação de aprendizagem vivida intensamente pelas crianças. Uma criança que inicialmente resistiu participar da atividade, após a intervenção conjunta com o professor, passou a protagonizar e ser referências para os colegas, revelando o poder da performance como experiência de transformação. Esses momentos revelam que a experiência estética, quando compartilhada, produz laços que a teoria não alcança. E o professor, ao reconhecer essa dimensão estética, atua como aquele que prepara o terreno, mas não controla os frutos. Propõe, escuta, ajusta, repete e cria variações. Essa perspectiva exige abertura ao inesperado, reconhecimento do erro como parte do processo e confiança na potência da criação coletiva. Quando o ensino se dá por essa via, a aula se torna um espaço de experiência, não de instrução. Nesse espaço o conhecimento não é transmitido, mas vivido em todos os sentidos.

Reunir os fios da presença, da mediação do ensino-aprendizagem e da experiência estética revelaram que a performance observada enquanto ato da docência convoca uma compreensão muito além de uma simples metodologia ou uma postura criativa, mas o alargamento de possibilidades de improvisação docente. A performance não se impõe como forma, mas emerge da relação entre corpos, sons e olhares. Ensinar música é produzir sentido com o outro, no tempo do agora, com os materiais frágeis e potentes da existência. Que a docência em música enquanto performance não seja apenas o ato de ensinar, mas de existir em cena com o outro, no som, na escuta, no risco na invenção do que ainda pode ser e a sala de aula seja sempre um palco de escuta e invenção, onde a música se faz com os corpos que ali estão – presentes, imperfeitos e vibrantes.

Considerações Finais

A análise da performance docente em música, a partir da observação de práticas reais em sala de aula, permitiu concluir que a atuação do professor como performer contribui para a criação de um espaço pedagógico mais vivo, democrático, sensível e transformador. Ao performar a escuta, o cuidado, o humor, a contradição, a criatividade e a presença, o educador proporciona um ambiente de acontecimento estético e relacional. Essa perspectiva se mostra especialmente relevante quando aplicado ao contexto de educação básica, onde a música muitas vezes é tratada de forma secundária ou ilustrativa, dispensável. O que se defende na pesquisa é que o ensino de música possa ser um campo privilegiado para a construção de uma escola democrática e emancipadora, porque envolve dimensões que outras disciplinas nem sempre podem acessar com a mesma intensidade – o corpo, a sensibilidade, a escuta e a criação.

O professor performa não apenas conteúdos, mas mundos possíveis. Ele cria condições para que os alunos estejam presentes, sintam, imaginem, brinquem, cantem e inventem. Esse espaço de criação compartilhada é onde a educação musical pode se alinhar às ideias de inclusão, diversidade e emancipação. Alguns efeitos dessa ótica para educação destacam-se: a materialização da comunicação através do corpo e da voz; o fortalecimento do vínculo entre

professor e alunos; o engajamento efetivo e lúdico no processo de ensino-aprendizagem; a valorização das subjetividades; a ampliação da experiência estética no cotidiano escolar.

Como possíveis desdobramentos para futuras pesquisas, destaca-se as implicações da performance sobre a constituição das personas docente da educação musical; a relação entre performatividade e criação de estratégias de ensino inclusivas; a inserção de uma pedagogia performativa em currículos de formação docente em música; a comparação entre performance docente em música e outras linguagens artísticas; os impactos da performance docente na escuta e valorização das infâncias em contextos escolares; as configurações de performance na transição dos anos iniciais e finais dos ciclos de ensino da educação básica.

Encerrar essa escrita é, na verdade, deixá-la em aberto, como uma melodia que permanece no ar, ecoando em quem escutou com o corpo inteiro. A performance docente em música, tal como observada e vivida, revelou-se como mais do que uma prática pedagógica, mas uma forma de existência em sala de aula, um modo de estar com o outro através do som, do silêncio, do gesto, da escuta e da imaginação. Presença, mediação e experiência estética não são técnicas, são respirações do ensino quando ele se abre ao inesperado e reconhece no aluno um parceiro de composição cotidiana. Nesse espaço performativo, ensinar não é controlar ou silenciar comportamentos, mas partilhar mundos possíveis. A docência quando performada com sensibilidade, desloca incertezas, desafina normas e produz novas afinações para a escola que desejamos. Que esse trabalho possa ser escutado como provocação, não para repetir fórmulas, mas para reinventar presenças. Afinal, ensinar é lançar-se à cena do mundo com tudo que se é, e com que tudo o que, juntos, ainda podemos ser.

Referências

AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer* - palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ICLE, Gilberto. Da Performance na Educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Performance e Educação: (des)territorialização pedagógicas*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 9-22.

SCHECHNER, R.; ICLE, Gilberto.; PEREIRA, Marcelo de Andrade. O que pode a performance na educação? Uma entrevista com Richard Schechner. *Educação & Realidade*, v. 2, n. 35, p. 2335, maio/ago. 2010.